

LETRAMENTOS ACADÊMICOS, INTERNET E MUNDIALIZAÇÃO NO PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA BRASILEIRA

No Brasil e no cenário internacional, sobretudo nas últimas três décadas, tem-se mostrado expressivo o investimento em frentes de pesquisa dedicadas às práticas de leitura e escrita em contexto universitário. Nesse cenário é que veio se instalando uma forte tendência na investigação sobre a escrita de gêneros acadêmicos, em face do processo de construção de conhecimentos que estes envolvem, bem como das especificidades estruturais, lexicais e enunciativas que os caracterizam. Ilustram essa tendência, dentre outros, os trabalhos de Kleiman (1995, 2001), Matencio (2002), Assis e Mata (2005), Motta-Roth (2007), Silva (2010), Komesu e Gambarato (2013). Ainda que não se possa afirmar que esse conjunto de estudos citados comungue um mesmo paradigma epistemológico acerca da escrita, todos eles se mostram marcados por uma preocupação com a formação universitária, no que toca ao processo de leitura e escrita de textos acadêmicos pelos estudantes; nessa medida, neles se denuncia uma intenção de gerar impactos nesse processo.

Um dos fortes esteios teóricos para as pesquisas que se debruçam sobre a escrita, seja em contexto universitário, seja em contexto escolar, advém da tradição socioantropológica dos estudos do letramento (STREET, 1984, 2003; LEA; STREET, 2006), cujo impacto no Brasil se revela bastante expressivo em termos dos diálogos com ela construídos (a esse respeito, mencionamos os trabalhos de KLEIMAN, 2003; KLEIMAN; MATENCIO, 2005; CORRÊA, 2011; KOMESU; GAMBARATO; TENANI, 2015; KLEIMAN; ASSIS, 2016, dentre outros). Sob esse ponto de vista, recusa-se uma visão instrumental dos usos da escrita, o que implica que as práticas de letramento sejam encaradas como atividades transformadoras dos sujeitos que nelas se engajam (GEE, 1996; BARTLETT; HOLLAND, 2002).

Na base dessa concepção de letramento, tanto a função social e cognitiva da linguagem, em suas formas de manifestação discursiva, quanto as ações do sujeito (agente imerso em relações sociais) com a (e na) linguagem, mediadas pela escrita, são levadas em conta. Nesse sentido, são produtivos os diálogos que se podem construir (como, de

- | Letramentos acadêmicos, internet e mundialização no processo de internacionalização da pesquisa brasileira

fato, o demonstram vários estudos desse campo) com as orientações de Vigotski (2001) e Volochínov (1990), na medida em que a perspectiva de letramento aludida pressupõe que se tome a linguagem, prática social que é, como ação intersubjetiva (portanto, social, interacional) que se internaliza e se torna ação intrassubjetiva. Noutros termos, tal como sublinham Barton e Hamilton (2004, p. 109), o “letramento é essencialmente social e se localiza na interação interpessoal”.

Sob esse ponto de vista, a ênfase no caráter dialógico do processo de socialização vivido na universidade ou na escola da educação básica impede que se tome o letramento como conjunto de conhecimentos a serem adquiridos ou assimilados. Nesse sentido é que Barton e Hamilton (2004), mencionando Jay Lemke (1995), remetem à ordem metodológica para o estudo da língua proposta por Volochínov, de forma a sustentar que o ponto de partida para o estudo das práticas de letramento “deveria ser ‘o evento social da interação verbal’ antes das propriedades linguísticas formais dos textos analisados” (BARTON; HAMILTON, 2004, p. 114).

O exame desses eventos de interação, ou eventos de letramento, permite ao pesquisador enxergar neles regularidades ou padrões, os quais precisam ser interpretados à luz dos contextos institucionais e culturais em que estes se dão. A percepção desses padrões implica o conhecimento de múltiplas dimensões envolvidas nos eventos de letramento: a natureza social da situação (familiar, escolar, profissional, religiosa, artística, etc.), a natureza dos gêneros do discurso mobilizados, os recursos multimodais, o papel social dos participantes, dentre outros, o conjunto de valores, crenças e discursos sobre a escrita, assim como atitudes e construções sociais dos participantes envolvidos nas situações de escrita em questão (VIANNA *et al.*, 2016).

Trata-se, nessa medida, de fatores que transcendem o nível da dimensão física, da situação imediata de interação, tendo em vista as posições sociais e enunciativas aí construídas, para incluir e considerar aquilo que é da ordem das coerções construídas e alimentadas pelas esferas sociais da atividade humana, o que obriga a relacionar o evento de interação à prática social.

Tendo em conta o recorte definido para este número da *Revista do Gel – Letramentos Acadêmicos, Internet e Mundialização* –, compete-nos incluir nessa discussão dois importantes aspectos, aqui assumidos em imbricamento. Trata-se do papel da internet (i) nas práticas de letramento e nas pesquisas sobre essas práticas, (ii) bem como no processo de internacionalização da pesquisa brasileira.

São muitas as mudanças advindas do surgimento e desenvolvimento da internet nos modos de ler, escrever, estudar, aprender na interação com o outro em contextos formais

ou informais, o que tem fomentado o interesse de pesquisadores e acelerado a produção de estudos sobre essa realidade (LANKSHEAR; KNOBEL, 2011; GOURLAY; HAMILTON; LEA, 2014). Neste panorama de letramentos na contemporaneidade (KLEIMAN, 2014), destacam-se na pesquisa brasileira investigações de ambientes de ensino-aprendizagem mediados por recursos tecnológicos, nos chamados modos presencial, semipresencial ou a distância, em diferentes níveis de ensino (COLLINS; FERREIRA, 2004; TELLES, 2009; GOMES, 2011; ARAÚJO, J.; ARAUJO, N., 2013; BRAGA, 2013; BUZATO *et al.*, 2013; ROJO, 2013; KOMESU; TENANI, 2015; PAIVA, 2015; ROJO; BARBOSA, 2015; ARAÚJO; LEFFA, 2016; COSCARELLI, 2016; RIBEIRO, 2016), as quais colocam em evidência tentativas e ações de as instituições escolar e universitária apreenderem dinâmica na/da linguagem “atravessada” por tecnologias digitais, considerando-se possibilidade de maior autonomia dos sujeitos (CASSANY; CASTELLÀ, 2010; BAILLY, 2010).

No que se refere, pois, propriamente, ao campo da ciência brasileira, este também vive, sem dúvida, a partir dos anos 90 e mais expressivamente após os anos 2000, uma experiência de grandes mudanças, resultado da possibilidade de conexão e, ao mesmo tempo, de registro e contabilização dessa conexão por meio dos recursos bibliométricos. Dito de outro modo, temos, de um lado, a ampliação de modos de acesso e de interação inaugurados pela internet e, ao mesmo tempo, de outro, como desdobramento dos recursos por meio dela empreendidos (e igualmente das forças políticas e econômicas que dela decorrem e que, ao mesmo tempo, a alimentam), um conjunto de regulações e outros expedientes de controle que se prestam à validação da chamada “qualidade científica”. Esse cenário tem sido responsável por discussões emanadas de diferentes áreas do conhecimento (THOMAZ; ASSAD; MOREIRA, 2011; ARAÚJO; SARDINHA, 2011, dentre outros), debate que também vem incluindo vozes (nem sempre em coro uníssono) sobre a centralidade do inglês no domínio científico, obviamente uma discussão que não se limita ao contexto brasileiro (HAMEL, 2013; BORDINI; GIMENEZ, 2014; CURRY; LILLIS, 2016, por exemplo).

Essa reflexão pode alcançar ainda outros patamares quando, para além da adoção dos índices de citação como índices de “validação” da “qualidade científica”, incluímos na discussão a noção de “circulação” na ciência, nos termos de Raj (2015), por meio da qual se opõe à visão de disseminação ou transmissão de ideias e se preconiza o encontro, a negociação e a transformação. Noutros termos, a circulação, tal como abordada pelo autor, está diretamente articulada à noção de transformação, de troca, em oposição à ideia de mera reprodução: “que por circulação não entendamos a ‘disseminação’, ‘transmissão’, ou ‘comunicação’ de ideias, mas os processos de encontro, poder e resistência, negociação e reconfiguração que ocorrem em interações entre culturas” (RAJ, 2015, p. 170).

- | Letramentos acadêmicos, internet e mundialização no processo de internacionalização da pesquisa brasileira

Sob nosso ponto de vista, o contexto que rapidamente descrevemos justifica a necessidade de investirmos em um debate multidisciplinar sobre os desafios contemporâneos do processo de internacionalização dos conhecimentos, aos quais se atrelam diretamente questões relativas à produção e à distribuição/circulação de discursos e textos acadêmico-científicos, guiadas por (novas) práticas discursivas trazidas pela internet e pelo processo de mundialização. É o que pretendemos com este número temático da *Revista do Gel*.

Apresentação do dossiê

Letramentos Acadêmicos, Internet e Mundialização, número temático da *Revista do Gel*, está organizado em três eixos: (i) análise crítica dos modelos de escrita científica promulgados por políticas de internacionalização; (ii) práticas sociais letradas acadêmicas e seus objetos relacionados, nos diferentes níveis de ensino; (iii) (novas) abordagens didático-pedagógicas que visam à promoção de autonomia no processo de aprendizagem de escrita acadêmica em línguas, em contraposição a abordagens formativas clássicas, para os quais colaboraram pesquisadores de universidades brasileiras (UEM, UFMG, UFSCar, UNESP, UNICAMP, UNIR) e estrangeira (Université de Chlef, Argélia).

No primeiro eixo, relacionado à análise crítica de modelos de escrita científica promulgados por políticas de internacionalização, Luciana Salazar Salgado e Letícia Moreira Clares, no artigo intitulado “Mediação editorial em artigos científicos: um estudo de injunções e apagamentos nas humanidades”, propõem, de uma perspectiva medialógica, fundamentada em estudos de Régis Debray, investigar a “mediação entre sujeitos e objetos, mais precisamente na mediação editorial que põe em conjunção, conforme terminologia vigente, *pesquisadores e produtos*, os quais configuram o objeto editorial *artigo científico*”. As autoras buscam refletir sobre os modos de editar artigos na área de humanidades, considerando-se métricas de avaliação, regras e categorias correntes em políticas de internacionalização. Em “Metapragmáticas da ‘redação’ científica de ‘alto impacto’”, Inês Signorini discute processos, de natureza ideológica e de natureza sociosemiótica, que sustentam metadiscursos sobre escrita científica, em instituições públicas do Estado de São Paulo, comprometidas com internacionalização de pesquisa, levando-se em conta, principalmente, parâmetros de ranqueamento de organismos internacionais.

No segundo eixo, “Práticas sociais letradas acadêmicas e seus objetos relacionados, nos diferentes níveis de ensino”, Raquel Salek Fiad, em “Pesquisa e ensino de escrita: letramento acadêmico e etnografia”, apresenta contribuições da perspectiva etnográfica como teoria, como fundamentação para a pesquisa e o ensino de escrita acadêmica. Coloca em confronto essa perspectiva e a tradição de pesquisas e de ensino de escrita no contexto brasileiro, as quais têm como pilar teorias de texto e de discurso, mostrando ganhos e limites da etnografia na análise da linguagem. Wahiba Benaboura, em “Lecture-écriture du discours scientifique pédagogique en Français Langue Etrangère: savoirs et savoir-faire mis en jeu”, propõe uma reflexão sobre os obstáculos encontrados na compreensão e na produção de discursos científicos em contexto universitário, considerando-se, de maneira particularizada, o ensino de leitura do francês como língua estrangeira, para universitários de um curso de Biologia numa universidade da Argélia. Em “Instâncias de nominalizações e a densidade lexical do texto acadêmico: algumas implicações para o ensino”, Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira e Giovana Perini-Loureiro, fundamentadas em pressupostos da Linguística Sistêmico Funcional, objetivam, por um lado, discutir dados sobre a presença das chamadas “metáforas gramaticais ideacionais”, contendo nominalizações, em textos acadêmicos produzidos em inglês, por outro, apresentar e sugerir atividades de sala de aula que promovam maior consciência linguística do aluno sobre uso de formas gramaticalmente metaforizadas em textos acadêmicos.

No terceiro e último eixo que organiza este número temático, “(Novas) Abordagens didático-pedagógicas que visam à promoção de autonomia no processo de aprendizagem de escrita acadêmica em línguas, em contraposição a abordagens formativas clássicas”, apresentamos três artigos. Em “Abordagem Orientada por Dados: desafios e aplicações no ensino de LE”, Jean Michel Pimentel Rocha, fundamentado em pressupostos da Linguística de *Corpus*, propõe discutir os principais desafios da aplicação de *corpora* na prática didático-pedagógica de ensino de língua estrangeira, em particular, na produção de resumos de artigos científicos, levando-se em conta a Abordagem Orientada por Dados (*Data-Driven Learning Approach*), centrada no aprendiz que, mediado pelo professor, busca entender o funcionamento da língua, observando essa dinâmica num *corpus*. Em “Teaching English for Agriculture through Proverbs in L1 and L2”, Vivina Almeida Carreira e Odete Burgeile discutem o papel da tradução e da língua materna no processo de ensino e aprendizagem de inglês para fins específicos, considerando-se, de maneira particularizada, estudo e tradução de provérbios no ensino e na aprendizagem de inglês para agricultura. Distinguindo competência linguística e cultural, significado linguístico e idiomático, linguagem literal e figurativa, modalidade escrita e falada no aprendizado de vocabulário, as autoras colocam em evidência o potencial de aplicação desse estudo. Em “Práticas de letramento, TIC e autonomia em contexto universitário”, Cristiane

- | Letramentos acadêmicos, internet e mundialização no processo de internacionalização da pesquisa brasileira

Carneiro Capristano, Tatiane Henrique Sousa Machado e Mônica Cristina Metz avaliam a relação entre Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e práticas de letramento de acadêmicos de duas universidades do Paraná, tendo como objetivo refletir sobre o efeito dos usos de TIC para a autonomia dos universitários. Com base na aplicação de um questionário, as autoras analisam, de um ponto de vista quantitativo e qualitativo, diferenças na percepção/interpretação de usos das TIC, entre aqueles que se valeram de tecnologias por iniciativa própria ou por proposição de docentes. Apoiando-se numa noção freiriana de autonomia, as autoras buscam construir uma crítica com relação à ideia de autonomia decorrente do uso de TIC por universitários, entendendo que há necessidade de problematização de determinadas práticas de letramentos que se valem de emprego de tecnologias, tomadas, em si, como suficientes para a construção do conhecimento.

Este número temático é também o resultado de um trabalho mais amplo executado pelas organizadoras deste volume na *Escola de Altos Estudos (EAE) em Letramentos Acadêmicos, Internet e Mundialização*, realizada na Universidade Estadual Paulista (UNESP), câmpus de São José do Rio Preto, São Paulo, no período de 20 a 31 de março de 2017, com financiamento da CAPES e do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) da UNESP/SJRP. Na ocasião, 15 programas de pós-graduação, vinculados a 13 Instituições de Ensino Superior brasileiras (FURB, PUC Minas, UECE, UEM, UEPG, UFGD, UFPB, UFRJ, UFSC, UFSCar, UNESP, UNICAMP, USP), distribuídos em quatro regiões geográficas do Brasil (Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul), uniram-se a duas instituições estrangeiras convidadas, em parceria inédita.

A EAE contou com a participação dos docentes estrangeiros Prof. Dr. Daniel Cassany, da Universitat Pompeu Fabra, Espanha, que ministrou o curso *Leer y escribir en la red*, com carga horária de 20 horas, e Profa. Dra. Sophie Bailly (coorganizadora deste número temático), da Université de Lorraine, França, que ministrou o curso *Apprendre à rédiger des écrits scientifiques en auto-direction: questions didactiques sur les liens entre littéracies numériques et académiques*, também com carga horária de 20 horas. Além das 40 horas de cursos, outras 20 horas de atividades de debate de textos teóricos, que constavam das bibliografias de cada curso, foram cumpridas, mediante uso de recursos digitais (*chat*, *Wikispaces*, *Facebook*, *WhatsApp*) que permitiram interação de maneira síncrona entre os polos participantes em consórcio. As aulas foram teletransmitidas por *streaming* em endereço (URL) na rede criado pela TV UNESP, beneficiando diretamente mais de 250 pessoas, entre docentes vinculados a programas de pós-graduação credenciados pela CAPES, discentes em nível de Mestrado e Doutorado, pesquisadores em Pós-Doutorado e ouvintes, distribuídos em 35 cidades do Brasil. A oferta dos cursos, em disciplinas regulares, contabilizou 74 créditos nos programas de pós-graduação em consórcio. As aulas foram

gravadas, editadas e estão à disposição para acesso público e gratuito na página eletrônica da UNESP, Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (STAEPPE), na rede social de vídeos *Youtube*, disponível em: <<https://youtu.be/HFY10kD61XU>> (acesso em: 20 dez. 2017).

A avaliação dos programas participantes é a de que esta experiência da Escola de Altos Estudos criou oportunidades para o aprofundamento sobre pesquisas e ações de formação, internacionais e nacionais, em função do contato entre os polos distribuídos em regiões geográficas distintas. A experiência foi, para parte dos programas em consórcio, um primeiro contato direto com professores pesquisadores (com tradições de pesquisa) de outros países. Numa avaliação geral dos aspectos positivos do processo, essa ação de internacionalização, realizada de maneira inédita no Brasil, reforça laços e cria outros, com oportunidade de redes de colaboração de pesquisa entre universidades brasileiras e estrangeiras.

Houve, no entanto, necessidade de enfrentamento de dificuldades. Dentre as dificuldades técnicas, foram enumeradas falta de sala adequadamente equipada para recepção de som e de imagem com qualidade nas universidades. Se a sala já existia, houve dificuldade de agendamento e reserva dessa sala apropriada, em período extenso, caso da EAE, que ocupou dez dias do calendário escolar, com seis horas de atividade por dia. Evidenciou-se, uma vez mais, que infraestrutura apropriada nas universidades, com oferta mais ampla de salas devidamente equipadas, com equipe técnica treinada e à disposição para suporte, é de fundamental importância para iniciativas como esta. Se já se reconhece a relevância da tecnologia no intercâmbio dentro das fronteiras do país – caso da realização de bancas de defesa de Mestrado e Doutorado –, quanto mais no processo de internacionalização, em que o investimento em tecnologias mostra-se de vital importância. Dentre aspectos a serem melhorados, enumerou-se a necessidade de ampla oferta de cursos de língua estrangeira nas universidades brasileiras e de cursos de letramentos acadêmicos, considerando-se o desafio de o pós-graduando lidar com práticas letradas acadêmicas específicas.

Na avaliação dos aspectos positivos e daqueles a serem melhorados numa experiência, esta da Escola de Altos Estudos, fica evidente a necessidade de investimento – e não de cortes orçamentários –, em Ciência e Tecnologia, como forma de a produção científica brasileira estreitar laços e criar outros com universidades estrangeiras (além das universidades no próprio País), num processo de internacionalização (também de apropriação do que é agenda) de pesquisa para o desenvolvimento e a inovação no Brasil.

- | Letramentos acadêmicos, internet e mundialização no processo de internacionalização da pesquisa brasileira

Agradecemos a *Revista do Gel*, nas pessoas dos colegas editores Matheus Nogueira Schwartzmann e Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale, pela oportunidade de organização deste que é o primeiro número temático da revista. Agradecemos os colegas autores pela confiança em nós depositada. Somos gratas aos pareceristas *ad hoc*, sem os quais este trabalho de edição não seria possível.

São José do Rio Preto (SP), Belo Horizonte (MG),

Nancy (França), dezembro de 2017.

Fabiana Komesu

Juliana Alves Assis

Sophie Bailly

Referências

ARAÚJO, J. C.; ARAUJO, N. M. S. (Org.). **EaD em tela: docência, ensino e ferramentas digitais**. Campinas: Pontes, 2013.

ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (Org.). **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos a aprender**. São Paulo: Parábola, 2016.

ARAÚJO, C. G. S.; SARDINHA, A. Índice-H dos artigos citantes: uma contribuição para a avaliação da produção científica de pesquisadores experientes. **Rev. Bras. Med. Esporte**, v. 17, n. 5, p. 358-362, set./out. 2011.

ASSIS, J. A.; MATA, M. A. A escrita de resumos na formação inicial do professor de Língua Portuguesa: movimentos de aprendizagem no espaço da sala de aula. In: KLEIMAN, A. B.; MATENCIO, M. L. M. (Org.). **Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e construção do saber**. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p. 181-202.

BAILLY, S. Supporting Autonomy Development in Online Learning Environments: What Knowledge and Skills do Teachers Need? In: VILLANUEVA, M.; RUIZ, M-N.; LUZON, J. (Ed.). **Genres Theory and New Literacies: Applications to Autonomous Language Learning**. Cambridge Scholars Publishing, 2010. p. 81-100.

BARTLETT, L.; HOLLAND, D. Theorizing the Space of Literacy Practices. **Ways of Knowing Journal**, v. 2, n. 1, p. 10-22, 2002.

BARTON, D.; HAMILTON, M. La literacidad entendida como práctica social. In: ZAVALA, V.; NIÑO-MURCIA, M.; AMES, P. **Escritura y sociedad**: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas. Lima, Red para el desarrollo de las Ciencias Sociales en el Perú, 2004. p. 109-139.

BORDINI, M.; GIMENEZ, T. Estudos sobre Inglês como Língua Franca no Brasil (2005-2012): uma metassíntese qualitativa. **Signum**: Estud. Ling., Londrina, n. 17/1, p. 10-43, jun. 2014.

BRAGA, D. B. **Ambientes digitais**: reflexões teóricas e práticas. São Paulo: Cortez, 2013.

BUZATO, M. E. K. *et al.* Remix, mashup, paródia e companhia: por uma taxonomia multidimensional da transtextualidade na cultura digital. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada** (Impresso), v. 13, p. 191-221, 2013.

CASSANY, D.; CASTELLÀ, J. M. Aproximación a la literacidad crítica. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 353-374, jul./dez. 2010.

COLLINS, H.; FERREIRA, A. (Org.). **Relatos de experiência de ensino e aprendizagem de línguas na internet**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

CORRÊA, M. L. G. As perspectivas etnográfica e discursiva no ensino da escrita: o exemplo de textos de pré-universitários. **Revista da ABRALIN**, v. Eletrônico, n. Especial, p. 333-356. 2. parte, 2011. Disponível em: <http://www.abralin.org/revista/RVE2/11v.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2017.

COSCARRELLI, C. V. **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola, 2016.

CURRY, M. J.; LILLIS, T. M. Estratégias e táticas na produção do conhecimento acadêmico por pesquisadores multilíngues. In: FIAD, R. S. (Org.). **Letramentos acadêmicos**: contextos, práticas e percepções. São Carlos: Pedro & João, 2016.

GEE, J. P. **Social linguistics and literacies**: ideology in Discourses. 2nd. ed. London: Taylor & Francis, 1996.

GOMES, L. F. **Hipertexto no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

GOODFELLOW, R. Literacy, Literacies and the Digital in Higher Education. **Teaching in Higher Education**, v. 16 (1), p. 131-144, 2011.

GOURLAY, L.; HAMILTON, M.; LEA, M. R. Textual practices in the new media digital landscape: messing with digital literacies. **Research in Learning Technology**, 21(4) article 21438, 2014. Disponível em: <<http://oro.open.ac.uk/39372/2/Messing%20with%20digital%20literacies.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2017.

HAMEL, R. E. L'anglais, langue unique pour les sciences ? Le rôle des modèles plurilingues dans la recherche, la communication scientifique et l'enseignement supérieur. **Synergies Europe**, n. 8, p. 53-66, 2013.

- | Letramentos acadêmicos, internet e mundialização no processo de internacionalização da pesquisa brasileira

LEMKE, J. **Textual Politics**: Discourse and Social Dynamics. Bristol: Taylor & Francis, 1995.

KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

_____. (Org.). **A formação do professor**: perspectivas da lingüística aplicada. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

_____. Avaliando a compreensão: letramento e discursividade nos testes de leitura. In: RIBEIRO, V. M. (Org.). **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF 2003. p. 209-225.

KLEIMAN, A. B.; ASSIS, J. A. (Org.). **Significados e ressignificações do letramento**: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 2016.

KLEIMAN, A. B.; MATENCIO, M. L. M. (Org.). **Letramento e formação do professor**: práticas discursivas, representações e construção do saber. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

KOMESU, F.; GAMBARATO, R. R. Letramentos acadêmicos no ensino superior: aspectos verbo-visuais no processo de textualização em contexto semipresencial. **Revista Linguagem Ensino** (*online*), v. 16, p. 15-38, 2013.

KOMESU, F.; TENANI, L. **O internetês na escola**. São Paulo: Cortez, 2015.

KOMESU, F.; GAMBARATO, R. R.; TENANI, L. E. Processo de textualização verbo-visual: análise de princípios de diagramação e seus efeitos de sentido em práticas letradas acadêmicas. **Linguagem & Ensino** (UCPel. Impresso), v. 18, p. 28-46, 2015.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **New literacies**. 3rd ed. New York: Mc Graw Hill Open University Press, 2011.

LEA, M. R.; STREET, B. V. The Academic Literacies model: theory and applications. **Theory into Practice**, v. 45, n. 4, p. 368-377, 2006.

MATENCIO, M. L. M. Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 109-122, 2002.

MOTTA-ROTH, D. Escrevendo no contexto: contribuições da LSF para o ensino de redação acadêmica. In: INTERNATIONAL SYSTEMIC FUNCTIONAL CONGRESS – LAEL/PUCSP, 33., 2007, São Paulo. BARBARA, L.; BERBER SARDINHA, T. (Ed.). **Proceedings...** São Paulo: LAEL/PUCSP, 2007. v. 1. p. 828-860. Disponível em: http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/40acd_mottaroth_828a860.pdf. Acesso em: 9 mai. 2016.

PAIVA, V. L. M. O. The Complexity of Online Collaborative Writing. **Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 14, p. 15-30, 2015.

RAJ, K. Além do pós-colonialismo... e pós-positivismo. Circulação e a História Global da Ciência. **Revista Maracanan**, 13, p. 164-175, 2015.

RIBEIRO, A. E. **Texto multimodal: leitura e produção**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ROJO, R. H. R. **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

ROJO, R. H. R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SILVA, J. Q. G. O memorial no espaço da formação acadêmica: (re)construção do vivido e da identidade. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 1, 2010.

STREET, B. V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

_____. What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current issues in comparative education**, v. 5, n. 2, p. 77-91, 2003.

TELLES, J. A. (Org.). **Teletandem: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI**. Campinas: Pontes, 2009.

THOMAZ, P. G.; ASSAD, R. S.; MOREIRA, L. F. P. Uso do fator de impacto e do índice H para avaliar pesquisadores e publicações. **Arqu. Bras. Cardiol.**, v. 96, n. 2, p. 90-93, 2011.

VIANNA, C. A. D. *et al.* Do letramento aos letramentos: desafios na aproximação entre letramento acadêmico e letramento do professor. In: KLEIMAN, A. B.; ASSIS, J. A. (Org.). **Significados e ressignificações do letramento: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2016.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1990. Original publicado em 1929.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: KOMESU, Fabiana; ASSIS, Juliana Alves; BAILLY, Sophie. Academic Literacies, Internet and Mundialization in the Internationalization Process of Brazilian Research. **Revista do GEL**, v. 14, n. 3, p. 7-17, 2017. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v14i3.2084>
